

“O CALL É GAY”: PRÁTICAS LINGUÍSTICAS QUE DEMARCAM TERRITÓRIOS

Ana Beatriz Oliveira Ribeiro*
Kamilla Oliveira do Amaral**

Resumo

A partir de um procedimento metodológico mini-etnográfico realizado no Centro Acadêmico Livre de Letras (CALL/UFSC), o objetivo deste artigo é discutir como as práticas linguísticas da comunidade LGBT podem ressignificar os espaços que esses sujeitos ocupam, configurando um processo de territorialização simbólico-cultural. Concluiu-se que o CALL é tido como um espaço de acolhimento, viabilizando a expressão das múltiplas identidades dos sujeitos.

Palavras-chave

Práticas linguísticas. Comunidade LGBT. Territorialização.

1) Considerações Iniciais

O novo enquadramento da sociedade, entretecida por sujeitos fluidos, heterogêneos, fragmentados e múltiplos (HALL, 2006; RAMPTON, 2006) vem acompanhando um processo em que “[...] a linguagem, os textos, as línguas e as pessoas movem-se, cada vez mais [...], o que tem levado a pensar as línguas, a linguagem e quem somos no mundo social em outras bases [...]” (MOITA LOPES, 2013b, p. 18), marcando, portanto, um período de reconfiguração no modo de produção de conhecimento científico. Seguindo uma concepção de língua como *ato performativo* (cf. AUSTIN, 1962), consideramos que a língua não somente descreve o mundo em que vivemos, mas também funciona como uma ação social. Nesse sentido, essa perspectiva de *lingua(gem)* aponta que mesmo quando tentamos apenas descrever o mundo ou as coisas à nossa volta, estamos também agindo a partir de nossos discursos. E isto leva à concepção de performatividade, entendida como um processo de construção identitária que envolve a ação dos sujeitos nas diversas práticas sociais em que estão envolvidos (ESPÍRITO SANTO; BAPTISTA, 2018).

* Mestranda pelo programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

** Mestranda pelo programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

É nesse cenário que os pressupostos teóricos e metodológicos precisam ser adaptados para dar conta de compreender a complexidade envolvida na relação que emerge desses sujeitos e suas práticas. E, portanto, fomentar o diálogo entre as disciplinas se torna essencial para entender que significados sócio-culturais são negociados no fluxo desses discursos. As desigualdades sociais, os processos de exclusão, as relações de poder, as marcas identitárias, ideológicas, de resistência e pertencimento são preocupações desse novo modo de fazer pesquisa nas Ciências Humanas. Nesse sentido, conviver e experienciar os contextos de ação, através da entrada em campo por exemplo, levam o pesquisador a atuar diretamente no cerne dessas questões, pois são nesses cenários que as práticas sociais, materializadas através da linguagem, podem ser observadas.

Tendo isso em vista, as questões que nos propomos a discutir neste artigo emergiram durante e após a realização de uma mini-etnografia (LEININGER, 1985) no Centro Acadêmico Livre de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina (CALL/CCE/UFSC). A escolha desse cenário foi pautada no interesse em dialogar com as demandas sociais que emergem do atual cenário sócio-político brasileiro, sobretudo o impacto nos chamados grupos minorizados, em que, a este estudo, importa mais especificamente a comunidade LGBT¹. Levando em conta o importante e relevante papel da academia no processo de construção do pensamento crítico dos sujeitos, compreendemos que é, sobretudo, nesses espaços acadêmicos que o olhar para as práticas sociais desses grupos deve se voltar.

Para o nosso trabalho em campo, observamos as dinâmicas interacionais que ocorrem no CALL durante duas tardes. As visitas foram realizadas nos dias 23 e 26 de novembro do ano de 2018, uma no período da tarde e outra no período da noite respectivamente, a fim de conseguirmos capturar o máximo de dados possíveis relativos às práticas linguísticas de seus frequentadores.

Após essa frutífera observação, foi possível depreender das conversas que tivemos com os frequentadores e também dos signos visuais que compõem o espaço, que o CALL representa um lugar onde os sujeitos sentem-se livres e acolhidos para expressar sua sexualidade e para construir novas identidades sociais através de práticas linguísticas representativas. Tais práticas parecem constituir o que entendemos, com base em

¹ Consideramos pertinente ressaltar que estamos cientes que existem outras formas para representar essa comunidade em forma de sigla, como por exemplo, LGBT+, LGBTQI, entre outras. Porém, optamos por usar a sigla LGBT, que nos parece mais usual.

Blommaert e Maly (2014); Blommaert (2013) e Shohamy e Gorter (2009), como a própria *Paisagem Linguística*² do CALL uma vez que ela oferece a observação de “um rico domínio da ‘vida real’, da linguagem autêntica em usos muito dinâmicos e energéticos” (SHOHAMY; GORTER, 2009, p. 5).

Os estudos de Paisagem Linguística (LLS - *Linguistic Landscape Studies*) apresentam características que os colocam dentro de um escopo conceitual e analítico mais complexo e, portanto os transformam em:

[...] um projeto etnográfico e histórico, no qual vemos signos como índices de relações sociais, interesses e práticas, implantados em um campo repleto de normas que se sobrepõem e se cruzam - não apenas normas de uso da língua, mas normas de conduta, filiação, pertencimento e uso legítimos; e não apenas as normas de um aqui-e-agora, mas normas que são de ordens diferentes e operam dentro de diferentes historicidades (BLOMMAERT; MALY, 2014, p. 4).

Acreditamos, assim como os autores (op. cit.) que ao indexicalizar as relações sociais, os interesses e as práticas dos sujeitos, sobretudo aqueles que, por motivações diversas, têm sofrido as consequências de discursos hegemônicos e opressores, os signos passam a servir como uma forma de demarcação de espaços. Tendo isso como ponto de partida, pretendemos, neste artigo, discutir de que forma a língua pode atuar sob os espaços, e como esses espaços podem ser ressignificados e reestabelecer laços sócio-territoriais de grupos minorizados, como a comunidade LGBT, que os processos de fragmentação e exclusão social tentaram dissolver ao longo do tempo.

2) A exclusão da comunidade LGBT: impactos sócio-políticos

O Brasil é um país conhecido por sua diversidade social, composta por um conjunto de diferenças e valores que são compartilhados pelos seus cidadãos, pelas mais diversas expressões culturais, diferenças físicas, étnicas, crenças, modos de vida, classes sociais, entre outros. Porém, essa diversidade não é garantia de um funcionamento justo e harmonioso da sociedade brasileira, pois algumas pessoas ainda tratam a diferença como algo nocivo, perpetuando, assim, o preconceito, a discriminação e a intolerância, que podem levar à violência e à exclusão social³.

² Retomaremos a questão sobre Paisagem Linguística na seção de Descrição e Análise dos dados.

³ No que concerne especificamente à diversidade encontrada na comunidade LGBT, os preconceitos são somados às singularidades de cada indivíduo e, dessa forma, os preconceitos, advindos da configuração

Nesse sentido, segundo Guasch (2000), a sociedade cria e concebe certos sinais, comportamentos, representações, modos de ser e estar, valores positivos ou negativos, geralmente com base em preceitos morais socialmente estabelecidos. No que se refere à sexualidade, o autor aponta que a sociedade atribui valores positivos com suporte em uma “questão de gosto” que corresponde ao que seria mais próximo do “recomendável” e aceito pela sociedade e, conseqüentemente, valores negativos àquilo que diverge do padrão. Desse modo:

Os sujeitos que se entendem como LGBTs enfrentam situações de vulnerabilidade, uma vez que, ao passo que rompem com o modelo heteronormativo de orientação sexual e identidade de gênero, sofrem preconceito, discriminação e intolerância, materializada na homofobia, transfobia, lesbofobia, entre outras formas discriminatórias e opressivas (GROSS e CADEMARTORI, 2018, p. 2).

Tendo isso em vista, concluímos que a homofobia e o heterossexismo estão por detrás do processo de exclusão social ligado ao mundo LGBT. Esses mecanismos sociais retiram dos sujeitos homossexuais a liberdade de ir e vir, o direito de frequentar e fazer parte de certos espaços e põem em jogo questões de identificação e aceitação que marcam significativamente a vida desses sujeitos.

Muitos são os impactos causados pela discriminação e exclusão desse grupo. Tendo isso em vista, ao longo do tempo, a homossexualidade já foi concebida de doença a crime. Atualmente, por mais que a sociedade tente negar, para manter-se em harmonia com as políticas de Direitos Humanos, o estigma causado anos atrás pela patologização da homossexualidade ainda se mantém. Apesar de a homossexualidade ter sido excluída do DSM - *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* - em 1973, a APA - *American Psychological Association* - manteve ainda durante dois anos uma política que encorajava os médicos a reconhecer nos seus pacientes gays a possibilidade de reverterem as suas preferências sexuais em alguns casos, sendo esta política abolida antes de 1994 (DUNLAP, 1994, cit. in BROTMAN et al., 2002). No Brasil, isso parece se repetir após a criação e aprovação do projeto “Terapia da Reorientação Sexual”, ou “Terapia de Conversão”, ou “Terapia Reparativa”, ou simplesmente “A cura gay” em 2013, que tem

sócio-histórico brasileira, relacionados à raça, cor, crenças, classe social, são todos somados com a homofobia. Pode-se dizer que os preconceitos e discriminações contra a comunidade LGBT são constituídos a partir de uma amálgama de opressões baseadas em representações ideológicas e idealizadas da concepção de indivíduo em uma sociedade “democrática” e heteronormativa. Há também hierarquias dentro da própria comunidade LGBT, em que muitas vezes as pautas acabam por privilegiar os homossexuais masculinos. Dessa forma, em certos ambientes, a palavra ‘gay’ não é vista como representativa da comunidade sua totalidade.

como objetivo extinguir a homossexualidade de um indivíduo, como se a sua orientação sexual fosse um mal social que precisa ser abolido.

Esse intenso percurso de violência e discriminação afeta a forma como as identidades desses sujeitos são construídas, de como eles se enxergam no mundo e se comportam perante ele. A rejeição da homossexualidade pela sociedade faz com que muitos gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros que compõem o que chamamos de comunidade LGBT, procurem lugares onde sintam-se livres, nem que seja por um momento, para a expressão de sua sexualidade. Estar e frequentar esses espaços é um movimento que não deve ser reduzido a questões de dominação física e geográfica, trata-se muito mais de uma questão de apropriação simbólico-cultural, onde esses espaços passam a ser ressignificados pelos seus frequentadores.

3) Territorialização da comunidade LGBT

A questão da ocupação de espaços pela comunidade LGBT no Brasil corresponde à formação de um “mercado de consumo do sexo”. Como a identidade desses sujeitos era concebida com base no juízo de suas práticas sexuais, muitos espaços públicos e privados como parques, cinemas, boates e saunas, onde homossexuais se reuniam, sobretudo para a prática sexual, recebiam consequentemente todo o estigma social impregnado a esse grupo. Nesse sentido, conforme aponta Perlongher (1987), a territorialidade homossexual no Brasil, principalmente nos grandes centros urbanos, como São Paulo, foi vista como um processo de territorialização marginal.

Ligada à questão da ocupação “gay”, emergem dois conceitos importantes para entendermos a relação entre esses sujeitos e os espaços. O primeiro termo, definido pelo antropólogo Luiz Mott durante um mapeamento da extensão da ocupação homossexual em Salvador, como “cena gay” corresponde aos “[...] espaços ao ar livre, logradouros urbanos e estabelecimentos comerciais que servem de nicho ecológico para sociabilização e encontros de variados graus entre homens com atração homossexual” (MOTT, 2000, p. 13). Imersos na “cena gay”, o termo “mancha” aparece como “um conjunto de áreas que englobam estabelecimentos e serviços que se complementam e dão suporte a um estilo de vida” (MAGNANI, 2000, p. 40). O funcionamento das “manchas” configura-se através de diversas atividades que, embora não tenham relações entre si, usam os mesmos espaços físicos.

Ainda que esses termos possam delinear o contexto em que as atividades homossexuais ocorrem, Magnani (2000) acredita que falar somente desses espaços não é suficiente para retratar e demonstrar o processo simbólico de segregação e luta pela apropriação dos espaços, ao passo que esses conceitos só trazem à tona uma discussão sobre o valor funcional dos espaços, que são definidos por uma cultura de consumo. Portanto, acreditamos que para compreender o processo e as implicações da ocupação e apropriação de espaços pela comunidade LGBT é necessário partir de uma concepção de espaço como território.

Para Haesbaert e Limonad (2007) o termo território e suas derivações como territorialidade e territorialização podem ser compreendidos em três dimensões: a primeira, *jurídico política*, sob a qual o território representa fronteiras políticas e limites político-administrativos, controlados pelo poder Estatal e regulado por uma relação de dominação e regulação sócio-políticas; a segunda, *econômica*, em que o território corresponde a uma divisão territorial do trabalho, estabelecida por relações sociais de produção; e a *cultural(ista)*, sob a qual o território corresponde ao espaço para a construção de identidades e alteridades sociais, permeadas pela cultura e pela realidade que os indivíduos percebem e permitem experienciar em si mesmos, que são regidas por relações de identificação cultural.

Independente da sua concepção, território, de acordo com Haesbaert (2004), está correlacionado com poder, mas não aquele conceito tradicional de “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação. Quanto mais próximo das esferas políticas e econômicas o território se insere, mais ele é tomado como um mecanismo de dominação. Em contraposição, quanto mais valor cultural é concebido ao território, mais próximo da ideia de apropriação ele se encontra, apropriação esta, que é resultado de um processo muito mais simbólico que funcional, que carrega marcas da realidade de seus agentes. Nesse sentido, ao pensar sobre os espaços de uma forma ampla, somos capazes de nos apropriar deles com base na atribuição de novos sentidos. É no seio desse processo de ressignificação dos espaços que “o território pode moldar identidades culturais e ser moldado por estas, que fazem dele um referencial muito importante para a coesão dos grupos sociais” (HAESBAERT e LIMONAD, 2007, p. 49).

Com base nas discussões que foram apresentadas acima, descreveremos e refletiremos na próxima seção sobre os dados gerados durante a mini-etnografia no Centro Acadêmico Livre de Letras (CCE/UFSC). Para isso, apresentaremos (i) uma

concepção do que entende-se como mini-etnografia; (ii) um detalhamento acerca da entrada em campo, o que inclui nossos anseios, expectativas e motivações na escolha do cenário e (iii) a descrição e análise dos dados gerados.

4) A mini-etnografia no CALL

A etnografia é entendida como um método de se fazer pesquisa e é frequentemente utilizado por antropólogos. O método foi desenvolvido e aplicado desde o início do século XX, a partir do trabalho pioneiro de Franz Boas (1911), Malinowski (1922) e Margaret Mead (1928). Contudo, pesquisadores de diversas áreas têm utilizado o método etnográfico como forma de estudar e entender modos de vida de sujeitos em uma determinada cultura. O intuito do etnógrafo é, portanto, “procurar compreender a visão de mundo, as atitudes, os significados e as experiências de um grupo social” (ROSA, LUCENA e CROSSETI, 2003, p. 15).

Para o antropólogo James Spradley (1980), os estudos etnográficos podem ser desenvolvidos por duas perspectivas: *a micro e/ou a macro etnografia*, permitindo que a experiência em campo dure mais ou menos tempo a depender dos objetivos e limitações da pesquisa e do pesquisador. Uma pesquisa *macro-etnográfica* permite a documentação de informações mais completas e reais, possibilitando traçar um panorama do modo de vida de uma comunidade. Enquanto que uma pesquisa *micro-etnográfica* está direcionada para assuntos mais específicos, mais locais e menos amplos (SPRADLEY, 1980).

Seguindo essa linha, Leininger (1985) categoriza os estudos etnográficos em *maxi* e *mini etnografias*. O termo mini-etnografia foi criado pela autora (op. cit.) para se referir a uma pesquisa etnográfica em menor escala, focada inicialmente em estudos médicos. Pode ser entendida como uma proposta de (re)adaptação da etnografia, em que os pesquisadores focam numa área específica de investigação, a fim de estudar as práticas de determinado grupo, com um número menor de informantes e uma observação menos longa. Isso se dá quando o pesquisador possui menos tempo para a observação, menor experiência em pesquisa de campo, mas mesmo assim deseja entrar em contato e estudar o mundo real dos sujeitos.

Independentemente do tipo de pesquisa que se realize, seja macro, micro, maxi ou mini, os etnógrafos têm a oportunidade de explorar, em maior ou menor escala, o cenário de investigação e também podem funcionar como vozes de grupos sociais que, por muitas vezes, não têm esse espaço na sociedade. Nesse sentido, Lucena (2015) aponta que o olhar

etnográfico tem permitido, portanto, que problematizemos realidades sociais que surgem a partir da complexidade semiótica e cultural do campo aplicado.

4.1) Conhecendo o cenário

O Centro Acadêmico Livre de Letras (CALL), local selecionado para a realização desta pesquisa, é um espaço de convivência localizado nos arredores do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina. A sala é frequentada, majoritariamente, por estudantes do curso de Letras e também por estudantes de outros cursos. A sala possui alguns sofás, mesas, cadeiras, ar-condicionado e um quadro negro. Embora tenhamos tentado, não conseguimos recolher mais informações de cunho histórico e sobre a trajetória do espaço, mas sabemos, por colegas nossos, que existe há algum tempo, pelo menos desde o início dos anos 2000. A partir da observação, podemos perceber que uma forte característica do espaço é o constante trânsito de pessoas, que chegam e saem a todo o momento. Embora esses sujeitos sejam bem diversos entre si, eles convivem harmoniosamente dentro do mesmo espaço. Mesmo com essa diversidade de sujeitos, depreendemos, quando em campo, que o CALL é frequentado por dois grupos bem definidos: LGBT, com uma presença mais significativa de homens gays, e “PRETOS”, além de um terceiro grupo, uma categoria que transita entre os outros dois grupos, que chamaremos aqui de simpatizantes ou *gay friendly*⁴.

4.2) Pré-entrada em campo: expectativas

A escolha do espaço para ser realizada a mini-etnografia partiu de inquietações acerca de cenários que tivessem indícios de movimentações políticas e ideológicas. Tendo isso em vista, escolhemos o Centro Acadêmico Livre de Letras (CALL/UFSC) como o lugar para a nossa mini-etnografia. A parte externa do local já nos instigava a adentrar aquele espaço-físico.

Figura 1 - Convite para reunião da gestão e, ao lado, pichação na parede ao lado do CALL

⁴ Para esse artigo, optamos por trabalhar apenas com o grupo LGBT.



Nessa fase de pré-entrada em campo procuramos registrar em forma de imagens o que nos motivou e instigou a realizar nossa pesquisa no espaço do CALL. O lado esquerdo da Figura 1 trata-se de uma chamada para uma reunião de encerramento da gestão “NÃO ME **CALLO**”, em que é feito um trocadilho com a sigla do espaço, CALL, e o verbo calar. Essa estratégia linguística nos causou grande impacto, pois compreendemos esse movimento linguístico como um ato de resistência e posicionamento por parte dos integrantes da gestão. É importante ressaltar que o momento político era bastante propício para esses posicionamentos, visto que, o ano de 2018 foi marcado por uma série de acontecimentos políticos-ideológicos de ordem mais conservadora.

A imagem do lado direito da Figura 1 trata-se de uma pichação que, parece-nos, ter como motivação o assassinato da vereadora brasileira Marielle Franco. A morte de Marielle repercutiu de forma bastante expressiva em nível nacional e internacional, fazendo com que a figura de Marielle simbolize uma bandeira na luta dos direitos humanos. Os motivos que, supõe-se, levaram ao ocorrido se devem ao fato de que a ativista política era preta, mulher, lésbica, favelada e ousava ocupar o lugar das elites.

Após essas significativas manifestações encontradas na parte externa do CALL, observamos as dinâmicas interacionais que ocorreram no CALL durante o período de duas tardes, em dias e horários distintos (23 e 26 de novembro de 2018 - período da tarde e período da noite respectivamente). Esse acesso foi mediado por um discente do curso de Letras que frequenta o espaço, fato esse que julgamos ter colaborado para a geração dos dados. As observações e apontamentos que emergiram durante a observação foram registradas em áudio, fotografias e em um diário de campo.

Foram muitos os signos linguísticos observados por nós durante a mini-etnografia dentro do espaço do CALL. Nas próximas subseções apresentaremos como se deu a geração e a análise dos dados e, logo em seguida, a descrição e análise (i) dos *signos escritos* e (ii) dos *signos orais* que julgamos serem tipicamente considerados como parte do “universo LGBT”. Juntamente com a descrição dos dados gerados, propomos uma reflexão que elucida os conceitos apresentados e problematizados na seção 2 e que, de alguma forma, reverberam a nossa hipótese de que as práticas linguísticas que emergem no CALL podem ser entendidas como práticas de territorialização simbólico-cultural.

4.3) Geração e análise dos dados

Para a geração dos dados dentro do espaço do CALL, procuramos conversar informalmente com seus frequentadores e tínhamos em mãos um notebook, que funcionou como um diário de campo, em que anotamos e pontuamos tanto as frases e palavras que vimos no centro acadêmico (por exemplo, em pichações nas paredes, nos bancos, em cartazes e panfletos etc.), quanto as que escutamos nas conversas entre os sujeitos. Além disso, fizemos uso de um celular para tirarmos fotos do local.

Primeiramente, ficamos do lado de fora da sala, que também é um espaço de bastante concentração dos frequentadores do CALL, para então, adentrarmos o espaço juntamente com um de seus frequentadores, que mediou o nosso acesso. Dentro do Centro Acadêmico observamos e anotamos as falas dos sujeitos que por lá passavam e também tiramos algumas fotos do espaço. É importante ressaltar que pedimos autorização dos frequentadores e da gestão do CALL/UFSC para realizarmos essa mini-etnografia

Por o CALL ser um espaço aberto à comunidade acadêmica e nosso acesso ter sido mediado por um de seus frequentadores, nossa observação mini-etnográfica deu-se de forma bastante natural e espontânea. Ao passo que nossa presença não parece ter deixado seus frequentadores intimidados, o que, mesmo considerando a limitação temporal de apenas dois dias, gerou dados significativos e relevantes para a análise.

Quanto à análise dos dados, tanto dos signos escritos, que estão em forma de imagens; quanto dos orais, que dispomos na seção a seguir em um compilado de frases e palavras que mais nos chamaram a atenção, interpretaremos-os a partir da metodologia interpretativa e qualitativa. Para tanto, nos baseamos em trabalhos envolvendo a comunidade LGBT previamente realizados e também em nossa própria (com)vivência com pessoas e outros espaços LGBTs.

4.4) Descrição e análise dos signos linguísticos escritos

Nesta seção apresentamos os dados gerados durante a mini-etnografia. Dividimos a descrição e a análise desses dados em duas etapas. A primeira, que é esta, contemplará o que consideramos como signos linguísticos escritos e a segunda, os signos orais. Os signos escritos foram capturados em imagens do espaço interno e externo do CALL.

Após as observações desses espaços, consideramos que os signos linguísticos escritos presentes no CALL constituem a Paisagem Linguística do local. Assumindo assim, uma perspectiva social da expressão, segundo a qual:

[...] uma paisagem linguística é também uma paisagem sócio-histórica e cultural, formada não apenas por recursos linguísticos dispostos em não-lugares, mas também por pessoas que participam de interações a todo tempo com outros falantes (inclusive de outras variedades), têm suas próprias experiências, vivências, histórias, motivações e objetivos, bem como suas próprias redes sociais locais e translocais. A paisagem, então, deve ser entendida como um conjunto de todos esses elementos, que subjazem e podem constituir um meio ambiente propício a variações linguísticas (SOARES; LOMBARDI; SALGADO, 2016, p. 211).

Analisar paisagens linguísticas requer que observemos também como as pessoas que produzem os signos linguísticos que compõem a paisagem se relacionam com os espaços. São essas pessoas que criam os signos e escolhem como eles devem ser usados. Portanto, é imprescindível entender que a constituição de uma paisagem linguística se dá mediante um processo contínuo de re(criação) de significados para os signos linguísticos. Isso quer dizer que esses signos não são escolhidos aleatoriamente ou de forma arbitrária, eles estão ali presentes porque estão relacionados com diversos aspectos da vida dos sujeitos que compõem a paisagem linguística dos espaços (SHOHAMY; GORTER, 2009). Nesse sentido, assim como Blommaert e Maly (2014), compreendemos que:

os espaços públicos são arenas sociais - circunscrições nas quais o controle, a disciplina, o pertencimento e a filiação operam e nos quais estão sendo desempenhados. Além disso, o espaço público é também um instrumento de poder, disciplina e regulação: organiza as dinâmicas sociais implantadas nesse espaço (2014, p. 3).

Dessa forma, consideramos que o espaço do CALL representa esta 'arena social', em que seus frequentadores e suas práticas linguísticas refletem suas ideologias,

pertencimento e a filiação àquele local, como poderemos perceber nas figuras expostas a seguir:

Figura 2 - Expressão “O CALL É GAY” localizada no quadro negro do CALL



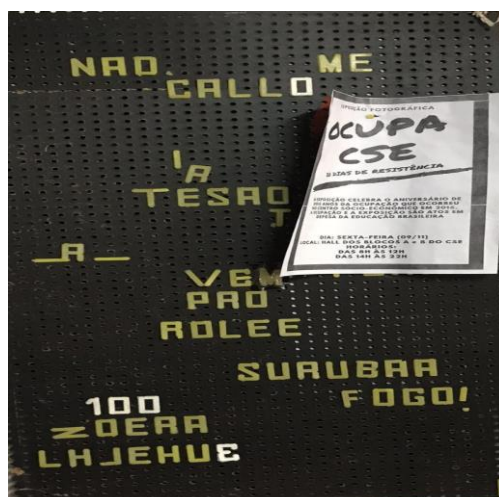
A expressão “o CALL é gay” está localizada na parede de entrada do Centro Acadêmico numa espécie de ‘quadro negro do CALL’, onde os frequentadores escrevem o que julgam representativo sobre o espaço (Figura 2). Esta foi a primeira sentença que nos chamou bastante a atenção, sobretudo, porque, ao longo das observações, percebemos que a grande maioria dos frequentadores do CALL ou faz parte da comunidade LGBT efetivamente, ou são simpatizantes, o que explicaria a referência ao termo ‘gay’. No entanto, acreditamos que, conectados a essa questão de categorização ou caracterização dos frequentadores como gays, essa frase representa também uma demarcação de espaço, como uma forma de territorialização da comunidade LGBT. Nesse sentido:

Enquanto a economia globalizada torna os espaços muito mais fluidos, a cultura, a identidade, muitas vezes re-situa os indivíduos em micro ou mesmo mesoespaços (regiões, nações) em torno dos quais eles se agregam na defesa de suas especificidades histórico-sociais e geográficas. Não se trata apenas de que estamos, genericamente, “agindo mais sobre as imagens, os simulacros dos objetos, do que sobre os próprios objetos”, como afirma Raffestin. A exclusão social que tende a dissolver os laços territoriais acaba em vários momentos tendo o efeito contrário: as dificuldades cotidianas pela sobrevivência material levam muitos grupos a se aglutinarem em torno de ideologias e mesmo de espaços mais fechados, visando assegurar a manutenção de sua identidade cultural, último refúgio na luta por preservar um mínimo de dignidade (HAESBAERT, 2004, p. 92).

Sabemos que a comunidade LGBT tem passado, constantemente, ao longo dos anos por situações tão intensas de violação de seus direitos, por discriminação e julgamentos que isso acaba gerando uma necessidade de se afastar de certos lugares e de certa parcela da sociedade que os oprime. Desse modo, apropriar-se de territórios está além de uma questão geográfica, trata-se de dar um novo significado para um local. Local este, onde esse sujeito pode assumir livremente sua sexualidade e ser capaz de construir uma nova identidade social. A ocupação do CALL, entendida aqui como uma forma de

territorialização, nesse caso, é tomada numa perspectiva simbólico-cultural em que se estabelece fortemente uma relação do grupo com o espaço frequentado.

Figura 3 - Painel de informações localizado no CALL



Na Figura 3, percebemos ao menos duas expressões interessantes. A primeira é a expressão “não me callo”⁵, em que é feito um jogo de palavras com a sigla do CALL e o verbo calar, o que também demonstra uma resistência político-ideológica por parte dos frequentadores, mais especificamente, tendo em vista o cenário político atual, que legitima a reprodução de discursos opressores. A segunda são as expressões “surubar” e “tesao” que, nesse contexto, remetem à prática sexual, tanto entre homossexuais quanto entre heterossexuais. No entanto, se essas práticas acontecem entre homossexuais, a sociedade heteronormativa tende a atribuir valores negativos, caracterizando a homossexualidade como um desvio de padrão social e o sujeito homossexual como um ser que vive em estado permanente de transgressão porque mantém condutas sexuais “errôneas”.

Embora essas práticas sexuais não sejam restritas aos homossexuais, é muito mais provável que eles sejam vistos como depravados, detentores de desejos incontrolláveis e, por isso, representem “um perigo para a sociedade por causa de seu gosto pela promiscuidade” (CASTAÑEDA, 2007, p. 155), do que os heterossexuais que desfrutam livremente dessas mesmas práticas isentos dessa mesma estigmatização.

⁵ A expressão “não me callo” pode também estar associada ao nome da pintora mexicana Frida Kahlo, uma figura importante culturalmente ligada ao feminismo, porém ao longo de nossas observações no CALL não foi possível detectar que a expressão estivesse diretamente ligada ao discurso feminista, visto que, dentro da universidade há espaços mais destinados a discussão do tópico em questão.

Figura 4 - Expressões localizadas no quadro negro do CALL



Na Figura 4, vemos uma referência ao famoso *reality show* de competição de *drag queens* norte-americano, *Rupaul's Drag Race* (2009 - atualmente), a partir da frase “*You can't [take] my snatch*” de uma música de uma das competidoras, Bebe Zahara Benet, o que também serve para demonstrar a influência do universo e da cultura LGBT no espaço do CALL.

A característica documental do referido *reality show*, segundo Bragança (2018), acaba por colocar em pauta assuntos invisibilizados em espaços antes inacessíveis às discussões de importância para a comunidade LGBT. Ainda segundo o autor, a comunidade LGBT se encontra agradecendo pequenas vitórias, pequenos espaços de discurso tutelados por um olhar vigilante de um universo midiático interessado, para dialogar com seus pares e se sentirem representados. É interessante perceber que os frequentadores usaram a expressão pois, possivelmente, assistem a esses programas que lidam com a temática LGBT e, ao que nos parece, se sentem, de certa forma, representados pelo que é veiculado a partir desse *reality show*.

Essa expressão escrita no quadro negro do CALL, fazendo alusão a um importante programa que envolve a temática LGBT, é um indício de uma das muitas influências culturais que fazem parte das experiências e vivências dos frequentadores. Dessa forma, cada um dos signos que são escolhidos para compor a paisagem do CALL faz parte do repertório comunicativo desses sujeitos, uma vez que:

[...] o repertório de um indivíduo pode incluir múltiplas línguas, dialetos e registros, no sentido institucionalmente definido, mas também gestos, formas de se vestir, postura, e até mesmo o conhecimento de rotinas comunicativas, familiaridade com os tipos de comida ou bebida, e

referências da mídia de massa, incluindo frases, movimentos de dança e padrões de entonação reconhecíveis que circulam através de atores, músicos e outros superstars (RYMES, 2014, p. 4).

Como já mencionado anteriormente, o processo de constituição de uma paisagem linguística não é arbitrário, mas caracteriza-se como uma tomada de ação perante os espaços, na tentativa de transformá-los em seus próprios territórios. No momento em que o uso de recursos linguísticos, entendidos aqui também como uma prática social, passam a ser utilizados como uma estratégia para a (re)criação de seus próprios espaços, o repertório desses sujeitos passa a ser compreendido em termos de suas propriedades espaciais. Nesse sentido, em convergência com a noção de *repertório espacial* proposta por Li Wei (2011), compreendemos que o repertório dos frequentadores do CALL é e vem sendo (re)constituído constantemente, através das diversas formas culturais e práticas sociais nas quais eles se envolvem. Tendo em vista as novas formas de comunicação desse “novo mundo” globalizado em que estamos inseridos e um novo perfil de sujeito que passa, cada vez mais por múltiplas e multifacetadas experiências de vida, é previsível que tais repertórios incluam uma ampla e diversificada gama de recursos, como por exemplo, a presença de referências culturais provenientes de diferentes línguas e de realidades outras, como evidenciado na Figura 4.

Figura 5 - Expressão localizada no banco que está localizado na parte externa do CALL



Neste banco, podemos perceber a expressão “as gay vão dominar o mundo” (Figura 5), que representa a resistência que a comunidade se propõe a executar.

Utilizar “as gay” também pode ser um indício de uma marcação de gênero fluido e transitório, em que não se faz muita distinção acerca do binarismo entre o feminino e o

masculino (BUTLER, 2003 [1990]). Ademais, a expressão remete fortemente à ideia heteronormativa e misógina de sociedade e, portanto, funciona como um ato de repulsa a esses conceitos tão fixados no imaginário popular.

As práticas linguísticas dos frequentadores do CALL demarcam seu território e ainda ressaltam, de certa forma, suas ideologias sócio-culturais. A partir disso, entendemos que:

os signos demarcam o espaço público, eles o cortam em fragmentos menores e os regulam em conexão com outros fragmentos. Os signos, portanto, sempre têm um alcance semiótico - a relação comunicativa entre produtores e endereçados, na qual mensagens normativas e reguladoras são transmitidas (BLOMMAERT; MALY, 2014, p. 4).

Ou seja, os signos linguísticos escritos demarcam os espaços e as mensagens possuem grande alcance, o que favorece a relação comunicativa, tanto para aqueles que produziram os signos, quanto para aqueles que recebem ou, nesse caso, os lêem.

É importante ressaltar que entendemos os bancos como um espaço externo e extensivo da sala física do CALL. O fato de considerarmos certos ambientes externos como parte do CALL é porque acreditamos que esses novos espaços importam para esses sujeitos e, portanto, eles são constantemente ressignificados através de um processo de apropriação simbólica.

Figura 6 - “ELE NÃO ELE NUNCA ELE JAMAIS”



A expressão “ele não” (Figura 6) teve grande repercussão em âmbito nacional e faz parte de uma das maiores manifestações sociais já ocorridas no Brasil. Aconteceu ao longo da campanha eleitoral de 2018, contra o até então candidato à presidência da república, deputado federal Jair Bolsonaro (Partido Social Liberal). Partindo de uma iniciativa de movimentos liderados por mulheres, o movimento “ele não” reuniu milhares de manifestantes em diversas cidades do Brasil no dia 29 de setembro de 2018 e o principal objetivo era protestar contra a candidatura do deputado em questão. As motivações para esse protesto foram muitas, mas principalmente as declarações

misóginas⁶ do candidato e suas constantes ameaças à grupos sociais e à própria democracia.

Muitos grupos sociais juntaram-se às mulheres nessa manifestação e alguns sujeitos da comunidade LGBT também apoiaram e participaram da manifestação “ele não”. A expressão passou a ser usada como forma de resistência e posicionamento por parte dos sujeitos que repudiavam a candidatura de Bolsonaro. Ter essa expressão escrita no espaço interno do CALL corrobora com nossas primeiras impressões e expectativas de que ali era um lugar com movimentações políticas e ideológicas bastante estabelecidas.

4.5) Signos linguísticos orais

A observação no CALL se deu a através de duas fases: em um primeiro momento, através de uma observação sem nenhuma participação, em que buscamos primeiramente sondar o espaço, traçar os tipos de perfis das pessoas que frequentam o local, que horários são mais propícios para a reunião dessas pessoas nesse espaço, que tipos de assunto são mais recorrentes entre eles, entre outros. No segundo momento, nossa observação já foi com alguma participação do tipo observação-participante como propõe Leininger (1985). Portanto, nesse momento, nós já conversávamos com os frequentadores, fazíamos algumas perguntas, transitávamos pelo espaço livremente. Nesse contexto, podemos depreender das conversas entre os frequentadores e deles diretamente conosco alguns signos linguísticos orais e agrupamos aqueles que consideramos mais “típicos” da comunidade LGBT, dispostos na imagem a seguir:

Figura 7 - Compilado de expressões

⁶ Sentimento de repulsa e/ou aversão às mulheres.



Nessa imagem, são muitas as expressões e palavras que remetem ao universo LGBT, como, por exemplo, “viado”, “bixa”, “coragem”, “enfrescalhando”, “agressiva passiva”, “amiga”, “gongada”, “dar a elza”, “fiz a nazaré”, entre outros, como evidenciam estudos de Lau (2015), Felix (2016) e Barroso (2017). Essas palavras e expressões faladas pelos frequentadores do CALL são também constantemente utilizadas por sujeitos LGBTs em suas vidas cotidianas.

A comunidade LGBT possui diversas formas de falar, como as gírias vindas de adolescentes e outras algumas encontradas na internet. Funcionam como uma espécie de código em que, em alguns casos, poucos entendem, mas mesmo assim acabam se espalhando. No caso da comunidade LGBT, foi criado “a dicionária”, que é um livro criado para consultar as gírias dessa comunidade, com o propósito de ampliar o entendimento sobre o falar desse grupo, mas que não está desvinculado da língua oficial do país (LAU, 2015):

Em vez de ver o uso da linguagem simplesmente como manifestação do sistema, a *linguagem* como um conjunto de convenções sociais e estruturas mentais é somente um entre os vários recursos semióticos disponíveis para a produção e interpretação locais do texto. E, em vez de o sistema ser visto como o carregador principal do significado, o significado é analisado como um processo de fazer inferências no aqui

e no agora, percorrendo todos os tipos de percepção, signo e conhecimento (RAMPTON, 2006, p. 117, grifo do autor).

No universo heterossexual ouvimos muitas pessoas falarem “viado”, “bichinha” de modo a inferiorizar a orientação do sujeito homossexual⁷. No universo LGBT, os próprios sujeitos se chamam de “viado” em determinados contextos, para chamar a atenção entre eles, por exemplo, sem menosprezar. Esses termos também são usados por sujeitos heterossexuais que tenham certa intimidade com os sujeitos homossexuais e, portanto, não usam essas expressões de forma depreciativa ou maldosa. Em nossa observação no CALL, o termo “viado” foi usado recorrentemente dentre os frequentadores, tanto entre sujeitos heterossexuais quanto entre sujeitos LGBTs, de uma forma amigável e também com o intuito humorístico.

Dessa maneira, podemos depreender que os signos linguísticos, tanto escritos, quanto orais observados no espaço externo e interno do CALL caracterizam-o como um espaço não só, mas também, LGBT *friendly*⁸. Ao passo que os frequentadores usam palavras e expressões dessa comunidade, demonstrando dessa forma, um pertencimento a esse grupo e também uma forma de resistência.

5) Considerações Finais

Em decorrência de uma nova configuração de sociedade, a identidade dos sujeitos está cada vez mais fluída e fragmentada (HALL, 2006) e suas práticas interpessoais também possuem essas características. Nesse artigo, procuramos discutir de que forma as práticas linguísticas que emergem a partir da mini-etnografia realizada no espaço do CALL podem configurar-se como uma forma de territorialização da comunidade LGBT, como uma espécie de mecanismo para se pensar a relação simbólica de empoderamento dos sujeitos na ocupação dos espaços. A partir dessa discussão, concluímos que o CALL é tido como um local de acolhimento, o que viabiliza a expressão das múltiplas identidades dos sujeitos. Essa liberdade para expressar a sexualidade por meio da língua só ocorre porque os frequentadores homossexuais se apropriaram desse espaço e o

⁷ Percebemos que a maior parte das palavras e expressões que consideramos parte do universo LGBT usadas pelos frequentadores do CALL indexalizam masculinidade ou referem-se a homossexuais masculinos, porém, embora consideremos uma questão pertinente, devido a uma limitação de espaço, não exploraremos essa questão neste artigo. Além disso, acreditamos que expressões referentes ao grupo de lésbicas não ocorreram porque elas não costumam frequentar o espaço com tanta frequência.

⁸ Termo norte-americano que vem sendo utilizado no Brasil para se referir a lugares públicos ou privados que são abertos e receptivos a membros da comunidade LGBT.

fizeram território para a ocorrência dessas práticas. A relação estabelecida entre esses sujeitos e o CALL é identitária, mas também envolve questões de afeto, segurança e acolhimento, sentimentos que muito provavelmente eles não encontram em qualquer lugar.

Por hora, concluímos que os dados linguísticos depreendidos a partir das práticas linguísticas *escritas* e *orais* dentro do espaço CALL, refletem uma relação identitária muito forte entre sujeito e espaço. Isso faz do CALL um território onde a expressão de marcas político-ideológicas e de resistência que atravessam a história da comunidade LGBT no Brasil e no mundo esteja correlacionada com a construção de novas identidades sociais que são constituídas nesse espaço a partir das práticas linguísticas o que desencadeia a atribuição de novos significados e novas funções para o CALL.

Acreditamos que ter um espaço que possibilite esse sentimento de segurança, proteção, acolhimento e respeito para LGBTs e simpatizantes dentro da universidade é de extrema importância para a permanência e êxito desses sujeitos dentro da academia, que pode ser, um lugar um tanto quanto hostil e opressor. Essa territorialização do espaço como LGBT *friendly* dá margem para esses sujeitos conviverem em grupo e trocarem experiências e vivências importantes para a constituição de um ambiente harmonioso e repleto de relações simétricas entre os pares.

6) Referências

AUSTIN, John Langshaw. **How to do things with words**. Cambridge: Harvard University Press, 1962.

BARROSO, Renato Régis. **Pajubá: o código linguístico da comunidade lgbt**. Dissertação (mestrado). Universidade do Estado do Amazonas, Escola Superior de Artes e Turismo. Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes – Manaus, 2017, 153p.

BLOMMAERT, Jan. **Ethnography, Superdiversity and Linguistic Landscapes: Chronicles of Complexity**. Bristol, UK: Multilingual Matters, 2013.

_____.; MALY, Ico. **Ethnographic linguistic landscape analysis and social change**. Tilburg Papers in Culture Studies; No. 100). Tilburg: Babylon, 2014 (pp. 1-27).

BOAS, Franz. **The mind of primitive man**. BoD–Books on Demand, 2013 [1911].

BRAGANÇA, Lucas. Degenerando formatos midiáticos e construções sociais: RuPaul's Drag Race e mercantilização de espaços dissidentes. **Revista de Audiovisual Sala 206**, n. 07, 2018.

BROTMAN, Shari, JALBERT, Yves, ROWER, Bill, & RYAN, Bill. **The impact of coming out on health and health care access: the experiences of gay, lesbian, bisexual and two-spirit people.** Journal of health & Social policy, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 [1990].

CASTAÑEDA, Marina. **A experiência homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas.** Tradução de Brigitte Hervot e Fernando Silva Teixeira Filho. São Paulo: A Girafa, 2007.

ESPÍRITO SANTO, Diogo Oliveira do., BAPTISTA, Livia Márcia. Performances identitárias e práticas translingues em redes sociais: implicações para o ensino de línguas. **The Specialist.** Volume 39. Número 2. 2018.

FELIX, Rafael de Almeida Arruda. **Adjetivo superlativo na fala de homens gays: uma discussão sociolinguística.** Dissertação (mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara - SP). Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa – Araraquara, 2016, 97p.

GUASCH, Óscar. **La crisis de La heterosexualidad.** Barcelona: Editora Laertes, 2000.

GROSS, Jacson; CADEMARTORI, Daniela Mesquita Leutchuk de. O direito de existir para a sociedade: cidadania e sexualidade na luta por direitos da comunidade LGBT no Brasil. **Revista Gênero & Direito**, v. 7, n. 3, 2018.

HAESBAERT, Rogerio. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas**, nº 2, vol. 1, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós – modernidade/** tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro-11. Ed.- Rio de janeiro: DP&A, 2006.

LAU, Héilton Diego. A (des) informação do bajubá: fatores da linguagem da comunidade LGBT para a sociedade. **Temática**, v. 11, n. 2, 2015.

LEININGER, Madeleine. **Qualitative research methods in nursing.** London: Grime & Stratlon, Inc., 1985.

LI, Wei. Moment Analysis and translanguaging space: Discursive construction of identities by multilingual Chinese youth in Britain. **Journal of Pragmatics**, 43(5):1222-1235, 2011.

LUCENA, Maria Inês Probst. Práticas de linguagem na realidade da sala de aula: contribuições da pesquisa de cunho etnográfico em Linguística Aplicada. **DELTA**, São Paulo , v. 31, n. spe, p. 67-95, ago. 2015 .

MAGNANI, José Guilherme; TORRES, Lilian de Luca. (org.). - **Na Metrópole**: Textos de Antropologia Urbana. São Paulo, Edusp, 2000.

MALINOWSKI, Bronisław. **Argonauts of the Western Pacific**. New York: EP Dutton & Co. MANAGEMENT REPORT, v. 2224, 1922.

MEAD, Margaret. **Coming of Age in Samoa**: A Psychological Study of Primitive Youth for Western Civilization. 1928. Reprint, New York: Perennial Classics, 2001.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.). **O português no século XXI**: cenário geopolítico e sociolinguístico. São Paulo, Parábola, 2013b.

MOTT, Luiz. **A Cena Gay em Salvador em Tempos de Aids**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia/Ministério da Saúde, 2000.

PERLONGHER, Néstor. **O Negócio do Michê**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

RAMPTON, Ben. Continuidade e mudança nas visões de sociedade em linguística aplicada. In: MOITA LOPES, L. (Org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ROSA, Ninon Girardon da; LUCENA, Amália de Fátima; CROSSETTI, Maria da Graça O. Etnografia e etnoenfermagem: métodos de pesquisa em enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. Porto Alegre. Vol. 24, n. 1 (jan. 2003), p. 14-22, 2003.

RYMES, Betsy. Communicative repertoire. In: C. LEUNG; B.V. STREET (eds.), **The Routledge Companion to English Studies**. Routledge. 2014

SOARES, Mariana Schuchter; LOMBARDI, Raquel Santos; SALGADO, Ana Claudia Peters. Paisagem linguística e repertórios em tempos de diversidade: uma situação em perspectiva. **Calidoscópio**, v. 14, n. 2, p. 209-218, 2016.

SHOHAMY, Elana; GORTER, Durk. (Org.). **Linguistic Landscape**: Expanding the Scenery. New York, USA: Routledge, 2009.

SPRADLEY, James. **Participant Observation**. New York: Holt Rinehart and Winston, 1980.

“O CALL É GAY”: LINGUISTICS PRACTICES THAT DEMARCAT TERRITORIES

Abstract

Based on a mini ethnographic study undertaken at “Centro Acadêmico Livre de Letras” (CALL/UFSC), the objective of this article is to discuss how linguistic practices of the LGBT community can resignify the spaces that these subjects occupy, configuring a process of symbolic and cultural territorialization. It was concluded that CALL is seen as a space of refuge, enabling the expression of the subjects’ multiple identities.

Keywords

Linguistic practices. LGBT community. Territorialization